

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP
COGEAE PUCSP
Psicanálise e Linguagem: Uma Outra Psicopatologia

Coisa de Macho:

Ser Homem, O Que É Isso?

Alessandro Barbosa Galvão Camargo

Orientadora: Prof^a Dr^a Sandra Dias

Trabalho de conclusão de curso como exigência
para especialização no curso de
Psicanálise e Linguagem: Uma Outra Psicopatologia

São Paulo
2009

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP
COGEAE PUCSP
Psicanálise e Linguagem: Uma Outra Psicopatologia

Coisa de Macho:

Ser Homem, O Que É Isso?

Alessandro Barbosa Galvão Camargo

Orientadora: Profª Drª Sandra Dias

São Paulo
2009

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais que me desejaram, fizeram-me vir ao mundo, deram-me suporte durante toda a minha vida e vêm me acompanhando ao longo desta.

Agradeço ao meu irmão, pessoa de importância inominável em toda minha vida, que sempre esteve ao meu lado, inclusive ao longo deste trabalho.

Agradeço as minhas amadas amigas, Ana Cristina von Atzinger, Ana Paula Idalgo Rachebe, Déborah Halfon, Iandara Uchoa e Ingrith Andrade Silva e Silva, por acompanharem-me ao longo desse curso, sempre juntos às terças nas supervisões, às sextas e sábados nas aulas. Agradeço pelos ombros emprestados, pelos sorrisos nas horas difíceis, pela escuta, incentivo, perguntas e, principalmente respostas, etc, por tudo que passamos juntos ao longo desses dois anos e meio.

Agradeço aos meus amigos de coração, eternamente amigos e que não preciso nomeá-los, vocês sabem quem são.

Agradeço ao meu Analista, Marcio Roberto Rocha, pela escuta sempre atenta.

Aos demais professores do curso, que muitas questões me despertaram.

A minha Professora e Supervisora Ana Maria Rodrigues Costa que muito me ensinou nesses dois anos.

E finalmente, a Coordenadora do Curso, Professora e Orientadora desse trabalho, Professora Doutora Sandra Dias, que muito me ensinou ao longo do meu interesse por psicanálise e por Lacan.

Alessandro Barbosa Galvão Camargo – Coisa de Macho: Ser Homem, O Que É Isso?, 2009

Orientadora: Sandra Dias

Palavras-Chaves: Diagnóstico Diferencial, Histeria Masculina, Neurose Obsessiva, Perversão, Falo, Virilidade.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo estudar o homem nas estruturas neuróticas, no seu desdobramento em histeria masculina e neurose obsessiva, e na estrutura perversa e sua relação com o falo nas diferentes estruturas. Inicialmente, o falo é discutido, considerando seu papel fundamental na constituição e na vida do sujeito. Posteriormente, consideramos o homem histérico como o sujeito dividido que se pergunta sobre ser homem ou mulher, e sobre sua capacidade de procriar. Um sujeito marcado pela pulsão oral e com o desejo sempre insatisfeito. O obsessivo é visto também como um sujeito dividido, marcado, por sua vez, pela pulsão anal, com o desejo impossível de se realizar devido a sua relação com a morte. O perverso é analisado a partir de sua identificação com o objeto *a*, sua indivisibilidade e a capacidade de causar a angústia no Outro através de sua vontade de gozo. Para finalizar foram descritas as homossexualidades nas diferentes estruturas, definido o que é ser homem para a psicanálise, chegando à conclusão que a questão de todo homem se remete à sua virilidade, conseqüentemente, ao falo.

Sumário

Introdução	6
Aquele que organiza o sexual: o Falo	8
O Histérico, a Virilidade e o Olhar do Outro	18
O Obsessivo, a Morte e o Pai	24
O Perverso, a Mãe, a Angústia e o Fetiche	30
As Homossexualidades, o Amor e o Pai	36
Referências Bibliográficas	41

Introdução

Este trabalho tem como objetivo estudar as relações do homem, o sujeito humano macho, e como tais sujeitos respondem ao falo na neurose e na perversão. Diante de inúmeras obras dedicadas às questões do feminino, da feminilidade e das mulheres, faz-se necessário investigar melhor o que acontece com o homem na assunção de sua virilidade.

Em suas pesquisas, particularmente sobre a neurose, Freud apontara elementos, aos quais mais tarde, Jacques Lacan, em sua releitura da obra freudiana, os reunira, dando a esses elementos o caráter estrutural. Possibilitando, desse modo, o diagnóstico diferencial.

Desde os primórdios da psicanálise, Freud estuda a histeria, e destaca, em seus artigos iniciais, a histeria masculina.

Concebe a Histeria como uma defesa a um trauma sexual infantil, na qual o sujeito encontrava-se em uma posição passiva, que teria sido recalcada, fixando o sujeito em sua fase oral.

Lacan, a partir do estudo do caso Dora, apoiado na obra freudiana, portanto, nos propôs buscar na histeria a Outra mulher, A mulher, que faria com que o sujeito se perguntasse: “Sou homem? Ou sou Mulher? Posso procriar?”.

Dessa mesma forma, Freud cria um novo termo para designar uma outra forma de neurose, a Neurose Obsessiva, caracterizando-a também por uma defesa a um encontro com o sexual em plena infância, no qual o sujeito, primeiramente, encontrar-se-ia em posição passiva perante o adulto sedutor, mas que em um segundo momento, demonstraria toda a sua atividade. Tais experiências, também seriam recalcadas e fixariam a libido do sujeito na sua fase anal.

Lacan, entretanto, novamente nos propõe uma outra perspectiva. A partir de seu estudo sobre o “Homem dos Ratos”, pede para que defrontemos-nos com a pré-história do sujeito e com a questão que o obsessivo faz: “Estou vivo ou estou morto?”

Não podemos esquecer, no entanto, que essas são questões que os sujeitos formulariam em análise, e que vem como resposta à relação do sujeito com o seu Outro primordial. Àquele a quem o sujeito vai procurar atender a

todas as demandas, em busca de realizar seu desejo, o desejo do Outro. E que todas essas estruturas dependeriam de como o sujeito se situa falicamente perante seu Outro e perante o desejo deste.

Já com relação às Perversões, Freud descreveu-as muito bem, em “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), em “Uma Criança é Espancada” (1919), em “O Problema Econômico do Masoquismo” (1928) e em “Fetichismo” (1927). Contudo, foi Lacan que lhe deu o caráter estrutural, situando o sujeito como uma metonímia do falo do Outro, como aquele que desmente a castração do Outro, uma vez que quem faz o sujeito se deparar com o sexual e com a castração é uma outra mulher. Para tal, cria seu fetiche. E como um sujeito que, impossibilitado de se ver cindido, encontrar-se-ia fantasmaticamente na posição de objeto, sem saber de seu desejo, tendo ele apenas como vontade de gozar.

Dentre todas essas opções de resposta à castração do Outro e posicionamento perante o desejo sexual, encontramos também a homossexualidade. Esta que é vista por Freud, em “Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, como uma perversão, por não ter como fim a reprodução. Na qual, Freud enxerga um sujeito preso em seu narcisismo, buscando àquilo que ele um dia foi para sua mãe, e que por conta disso, identificar-se-ia com ela, “invertendo” seu objeto sexual.

Homossexualidade que Lacan verá como um traço perverso, presente em todas as estruturas, e que aparece como um ato, como uma passagem ao ato.

Dessa forma, depois de descrito como o homem, sujeito macho, posiciona-se perante seu lugar fálico, o desejo do Outro e sua posição sexual, na histeria, na neurose obsessiva e na perversão, veremos como se dá a constituição do desejo homossexual, que perpassa todas as estruturas citadas. Inclusive da psicose, a qual não será posta em questão no presente trabalho.

Aquele que organiza o sexual: o Falo.

Muito antes de um ser humano nascer, e para que ele nasça, é necessário que já esteja presente no desejo de sua mãe, ou de seu pai, ou de ambos. Precocemente e despreparado para encarar as vicissitudes da vida, nasce um organismo envolvido em um mundo de linguagem.

Para garantir sua sobrevivência esse organismo necessitará de um Outro, um Outro que o desejou e que cuidará de suas necessidades.

Um dado importante, de ordem biológica, é a prematuridade do bebê. Um bebê, mesmo nascido a termo, é bastante prematuro. Seu acabamento dar-se-á após o nascimento e em um ambiente banhado pela linguagem. (Infante, 2000, p. 95).

Devido à sua prematuridade, e às urgências que o corpo coloca a esse organismo, ou aquele que ainda não fala, o *infans* dependerá do Outro para suprir suas necessidades. Esse Outro lerá o corpo do *infans* e tentará suprir suas necessidades de acordo com aquilo que ele lê.

O único recurso que o bebê possui para suas urgências vitais para a tensão fisiológica que essas urgências implicam é a expressão do grito. O grito porém nesse momento não é articulado, é pura reação, a rigor não é um apelo ao Outro. Daí já se coloca a importância do Outro, aqui Outro imediato, o da maternagem, pois cabe a esse Outro a mediação entre o grito como expressão de uma tensão ligada às urgências vitais e o grito como apelo cuja interpretação só pode vir do Outro. (Infante, 2000, p. 95).

Assim, a partir do olhar do Outro, que verá no pequeno *infans* quando este está com fome, dando-o de mamar, quando este precisa ser trocado, quando esse precisa dormir, e assim por diante. Esse cuidador primordial do bebê, a partir de seu olhar, lerá o que esse pequeno necessita e através de sua voz e de sua fala, significará para este que ele está com fome, ou que ele está

com cólicas ou com a fralda cheia e molhada, assim por diante, marcando, desse modo, as bordas do corpo do bebê.

Esse Outro se configura como Mãe Simbólica, interpretando e significando os gritos de seu bebê, entendendo esse grito como um significante, e fazendo com o bebê um jogo de ausência-presença, uma vez que seu bebê não é o único de seus afazeres no mundo, transformando aquilo que é trocado entre eles em um dom.

Dessa forma, o Outro cuidador se constitui, então, como Mãe Real, aquela portadora do leite materno que satisfaz a fome do bebê. Fome que perde o seu caráter de necessidade, e ganha o caráter de demanda, demanda não só de seio e leite, mas de amor e de dom, pois cada amamentação que Outro oferece para o *infans* é agora lida por este último como oferta de amor.

A demanda em si refere-se a algo distinto das satisfações por que clama. Ela é a demanda de uma presença ou de uma ausência, o que a relação primordial com a mãe manifesta, por ser prenhe desse Outro a ser situado aquém das necessidades que pode suprir. Ela já o constitui como tendo o “privilégio” de satisfazer as necessidades, isto é, o poder de privá-las da única coisa pela qual elas são satisfeitas. Esse privilégio do Outro, assim, desenha a forma radical do dom daquilo que não tem, ou seja, o que chamamos de seu amor.

É através disso que a demanda anula (aufhebt) a particularidade de tudo aquilo que pode ser concebido, transmutando-o em prova de amor, e as próprias satisfações que ela obtém para a necessidade degradam-se (sich erniedrigt) em nada menos do que o esmagamento da demanda de amor. (Lacan, 1958a, p. 697-8)

O Outro marca com os seus significantes as bordas do corpo do pequeno *infans* demandando dele que seja amamentado, oferece seu seio como prova de amor, o bebê oferece sua boca não só para sugar o leite, mas também como oferta de amor. Da mesma forma, o Outro faz com os excrementos do bebê, pedindo para que esse os expila, o *infans* novamente acata o pedido do Outro e o obedece, ofertando-os como seus objetos de dom, como provas de seu amor ao Outro.

Desse modo, o Outro primordial marca não só as bordas, os limites, as portas de entrada e saída do corpo da criança, como marca também suas zonas erógenas, aquelas nas quais a pulsão circulará, contornando-as e

contornando um desses objetos que mais adiante será marcado retroativamente, constituindo o objeto *a*. A pulsão “é o que advém da demanda quando o sujeito aí desvanece”. (Lacan, 1960, p. 831).

Nesse cenário a criança se encontra na dependência do Outro, assujeitada a esse Outro, que tem em seu poder a sua sobrevivência. É um jogo no qual a criança já entra como perdedora, ficando completamente alienada aos mandos e desmandos do desejo desse Outro.

No entanto, a criança tem um ganho. Ao assujeitar-se ao desejo do Outro, a criança ganha a possibilidade de tornar-se um sujeito da e na linguagem. Uma vez que toda essa operação, denominada por Lacan como “alienação”, é um jogo entre duas partes, e no qual o sujeito tem que fazer uma escolha. Essas duas partes que estão em jogo, e as quais o sujeito tem que escolher, é entre ele, o sujeito, e aquele do qual ele depende, o desejo do Outro. E como o sujeito depende desse Outro e dos caprichos de seus desejos, ele escolhe o Outro, para assim garantir a sua vida e a sua sobrevivência, desse modo, saindo de cena, desaparecendo.

Com esse desaparecimento do sujeito, já que ele está alienado no Outro, no desejo do Outro e na linguagem, abre-se uma possibilidade pura de ser (Fink, 1998). Um lugar onde poderíamos encontrar o sujeito, mas ele não está lá, uma vez que o lugar da alienação é um lugar vazio e não há nenhum sujeito lá. É o lugar onde o sujeito se depara primeiramente com a falta.

Mesmo sendo um lugar vazio, que pressupõe que um dia poderá ser cheio, preenchido, não deixa de ser um lugar com o qual o sujeito se depara, e só é um lugar, pois atribui ao sujeito um lugar na ordem simbólica, um lugar que ainda não é dele, mas que é designado a ele.

... é possível ver o processo de alienação produzindo o sujeito como conjunto vazio, $\{\emptyset\}$, em outras palavras, um conjunto que não tem elementos, um símbolo que transforma o nada em algo ao marcá-lo ou representá-lo. A teoria dos conjuntos gera seu inteiro domínio com base nesse único símbolo e em um determinado número de axiomas. De maneira análoga, o sujeito lacaniano está baseado na nomeação do vazio. O significante é o que funda o sujeito; o significante é o que tem força ôntica extraíndo do real a existência que assinala e anula. O que ele forja, entretanto, não possui nenhum sentido substancial ou material. (Fink, 1998, p.75).

Outro momento importante desse jogo, operação denominada por Jacques Lacan de “separação”, é um momento em o que está em evidência é o ser do sujeito, que não é nem o sujeito nem o Outro, mas sim algo que venha de fora. Nessa operação, a criança se depara com um Outro barrado, um Outro dividido, um Outro que está em falta. Assim o sujeito faz com que sua falta-a-ser, aquele lugar vazio da alienação, coincida com a falta do Outro. Investiga os limites e as bordas dessa falta, na tentativa de preenchê-la, perguntando-se “O que o Outro quer de mim?”. O que a criança procura com essa pergunta é achar o lugar nesse desejo que o causou, é continuar na posição de objeto do desejo do Outro.

Na tentativa de preencher essa falta do Outro, atendendo a todas as suas demandas, a criança passa a desejar, a desejar ser tudo para essa mãe, preenchê-la completamente. Dessa forma, a criança passa a desejar como o Outro deseja, da mesma forma que o Outro deseja. No entanto, como a criança não é o único interesse desse Outro, essa operação que a criança tenta realizar ao tentar preencher essa falta do Outro é irrealizável, é impossível.

Concomitantemente a essas operações de alienação e separação, há também o que Lacan denominou o Estádio do Espelho. Uma outra operação na qual o sujeito, aquele *infans* que era apenas um organismo precoce, prematuro e disperso, marcado apenas em suas zonas erógenas como um corpo despedaçado, unifica-se, une a sua imagem corporal como uma totalidade a partir do olhar de seu Outro e a partir de sua própria imagem no espelho.

Nessa nova batalha travada pelo pequeno e despreparado *infans* ele se depara com três elementos, ele, o outro, na verdade sua imagem no espelho, e o Outro, aquele que olha. Nessa batalha, essencial para a formação do Eu, é o instante no qual esse organismo precoce, prematuramente se deparará com a sua imagem no espelho. Primeiramente, o *infans* irá enxergar essa imagem como sendo a de um outro, de um outro bebê, de um semelhante seu. Num segundo momento, percebe ali também o Outro, que o olha e olha também esse outro, seu semelhante que nada mais é do que sua imagem no espelho. É somente em um terceiro momento, em que o seu Outro lhe dirá que esse semelhante é ele, que o *infans* pode, então, identificar-se a esse outro, formando, assim, o seu Eu.

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que arcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do Innenwelt para o Umwelt gera a quadratura inesgotável dos arrebatamentos do eu. (Lacan, 1949, p. 100).

Assim dá-se a formação do Eu do sujeito, um Eu que acredita completar o Outro naquilo que imaginariamente lhe falta, um Eu que acredita ser o objeto de desejo do Outro. Um Eu que acredita tampar a falta no Outro, ou seja, um Eu identificado ao falo, falo imaginário, ϕ (phi minúsculo), identificado ao desejo do Outro. É desta forma que o sujeito se apresenta para não só mais uma, como a mais importante de todas as batalhas, o Complexo de Édipo.

Desta forma, o sujeito se encontra no primeiro tempo do Complexo de Édipo, no qual identificado com aquilo que imagina faltar no Outro, ou seja, identificado ao falo do Outro, se faz de falo para completá-lo. Nesse momento ele é o falo, e estamos diante da dialética do ser. Ser ou não ser o falo? Com essa questão o *infans* se depara com a entrada do pai nesse circuito. Um circuito não mais triangular, criança – mãe - falo, mas quadrangular, criança – mãe – pai - falo.

Com a entrada do pai saímos da dialética do ser e do primeiro tempo para entrar na dialética do ter e no segundo tempo do Édipo. O *infans* nota a presença, e entende que o pai é o motivo de tantas idas e vindas de sua mãe. Sendo assim, tenho ou não tenho o falo? E é o pai quem tem aquilo que o Outro deseja. É o pai quem detém o falo.

O pai é, então, um obstáculo que interdita o acesso pleno da criança a mãe. O pai, aí, é o portador de uma lei, a lei da proibição do incesto, que priva a mãe da criança, nega seu acesso indeterminado a ela, e para que esse acesso ocorra, deve ser aceito ou recusado pela sua lei.

Além de ser portador da lei, o pai também se configura como portador do falo, como aquele que tem aquilo que o Outro deseja.

Esse é o estádio, digamos, nodal e negativo, pelo qual aquilo que desvincula o sujeito de sua identificação liga-o, ao mesmo tempo, ao primeiro aparecimento da lei, sob a forma desse fato de que a mãe é dependente de um objeto, que já não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem. (Lacan, 1958b, p.199).

A criança, nesse instante, rivaliza com esse pai que a frustra da posse e a priva da mãe. Ele não só frustra e priva a mãe da criança, como a castra. No entanto, a castração é um processo simbólico que é concluído apenas no terceiro tempo do Édipo.

No terceiro tempo, o que está em jogo é o pai na sua função metafórica e o seu lugar no discurso materno. É o tempo da Metáfora Paterna. *A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. (Lacan, 1958b, p. 180).*

O pai do terceiro tempo é o pai portador do falo, o pai como objeto de desejo da mãe. É o pai da castração. Não como aquele que imaginariamente priva a criança de seu órgão sexual, mas da castração simbólica, a que faz com que o sujeito perceba a falta no Outro, e, conseqüentemente, a falta em si mesmo.

Como portador do falo, promete-o a criança, podendo vir a lhe oferecer ou a lhe recusar, ficando a criança na posição daquela que não tem o falo, mas que um dia poderá ter, ou que permanecerá sem tê-lo, procurando-o ou sê-lo ou em outro lugar. Esse também é o pai que a criança ama e com o qual a criança pode vir a se identificar.

Outra função do pai é instituir o simbólico, a linguagem na criança através da Metáfora Paterna. O pai, como portador do falo, coloca-se como portador do objeto do desejo do Outro, porta também a lei, a lei da proibição do incesto. Essa lei que priva o acesso da criança à mãe, no seu caráter de significante, substitui o significante materno, o desejo do Outro. Tal lei faz com que o sujeito se submeta à ordem simbólica, à lei, e o divide, cavando-lhe uma falta, um vazio, uma vez que a criança não mais é e não possui o falo, o que abre caminho para o desejo do sujeito e para a possibilidade do ato da fala. Uma vez que, onde há falta há desejo, já que a lei e o desejo são as duas

faces de uma mesma moeda. A fala então surge para que o sujeito possa simbolizar, expressar sua falta e o seu desejo.

A castração é a construção pela qual o ser humano procura dizer a falta, mas, por isso mesmo, ela ilustra que não se pode dizer a falta enquanto tal. Dizer a falta já consiste, de um forma ou de outra, em preenchê-la. (André, 1998, p. 10).

Essa falta, esse vazio marca um significante na cadeia simbólica do sujeito. Um significante que determinará e dará significado a todos os outros significantes. Esse significante é justamente o significante fálico.

(...) o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença significante. (Lacan, 1958a, p. 697).

Ou seja, o falo é um significante que foi arbitrariamente marcado na cadeia de significantes para indicar, para nomear o conjunto de significados, é ele quem nomeia o desejo do sujeito (Rabinovich, 2005). Sendo o significante do desejo, conseqüentemente, é o significante da falta, aquele que nomeia o espaço vazio no qual o sujeito virá a ser e que faz com que o sujeito se aliene na linguagem.

O falo, assim como todo significante, tem seu lugar no discurso do Outro, e é sempre trans-individual. *O falo, significante da falta, efetivamente se presta para representar, além da diferença sexual, a falta-a-ser gerada pela linguagem para todo e qualquer sujeito, e com isso é restabelecida a paridade na falta.* (Soler, 2005, p. 28). Uma vez que ele é velado, recalcado, faz com que as condições do desejo permaneçam inconscientes para todos os sujeitos.

Para Lacan, entre o furo e a castração, a relação não é de um simples recobrimento. Isso por um motivo que a lógica do significante permite estabelecer: o furo não deve ser considerado como anterior ao significante que vem nomeá-lo (e malográ-lo). O furo não aparece como tal senão pelo significante que recorta suas bordas e o produz como seu exterior. O significante, em outras palavras, não faz só significar, tem também como efeito o relançamento: o falo não camufla o furo, fá-lo surgir como seu mais além. (André, 1998, p. 27).

Uma vez que o sujeito foi dividido em sujeito da Enunciação, o sujeito do inconsciente, e sujeito do Enunciado, o “eu” da consciência, pela Metáfora Paterna, dessa divisão sobra um resto, um resto que não é nem especularizável e nem significável. Ou seja, esse resto não é do campo nem do Imaginário, nem do Simbólico, mas sim do campo do Real. É um resto que causa o desejo no sujeito, e não como desejo de alguma coisa e de alguém, mas sim como a simples capacidade que o sujeito tem de desejar. Esse resto, Lacan denominou-o objeto *a*.

O *a* é o que resta de irreduzível na operação total do advento do sujeito no lugar do Outro, e é a partir daí que ele assume sua função. (...). Assim como ele é a sobra, por assim dizer, da operação subjetiva, reconhecemos estruturalmente nesse resto, por analogia de cálculo, o objeto perdido. (Lacan, 2005, p. 179).

O objeto *a* além de ser aquilo que resta da divisão do sujeito, é também aquilo que não é visto diante do espelho, assim como a voz e o olhar do Outro.

O objeto a como causa de desejo é aquilo que evoca o desejo: é o responsável pelo advento do desejo, pela forma específica assumida pelo desejo em questão e por sua intensidade. (Fink, 1998, p. 116). E: É o desejo do Outro enquanto pura capacidade de desejar – manifestado no olhar do Outro para alguma coisa ou alguém, mas diferente daquela alguma coisa ou daquele alguém – que faz surgir o desejo na criança. (Fink, 1998, p. 116-7).

É um objeto que está para sempre perdido, pois ele se constitui justamente no momento da divisão do sujeito, como seu resto, antes mesmo do sujeito se inserir no simbólico como sujeito, o que o impossibilitaria de poder falar dele. E como objeto de completude, daquele que completa a falta do Outro, ele só poderia estar presente antes do sujeito adquirir linguagem, pois isso implicaria em simbólico, o que necessariamente implica em falta.

Cabe ressaltar, que com a divisão do sujeito, dá-se também a divisão do Outro. Enquanto o sujeito se divide em “eu” da consciência e Eu, sujeito do inconsciente (\$), o Outro se divide em objeto *a* e em Outro da fala ($\bar{A}$). Outro como objeto *a* que será complemento fantasmático do sujeito, ou seja, o Outro entra no fantasma do sujeito como objeto *a*, $\$ \diamond a$.

O fantasma, por sua vez tem como função barrar, proteger o sujeito do desejo do Outro, que outrora o assujeitava na posição de objeto, e de protegê-lo também da angústia causada pelo desejo desse Outro “devorador”. O fantasma é aquilo que articula inconsciente e pulsão, simbólico e real.

A fantasia é uma espécie de matriz psíquica que funciona mediatizando o encontro do sujeito com o real. Ela é uma matriz simbólico-imaginária que permite ao sujeito fazer face ao real do gozo. (Jorge, 2006, p. 32).

Outra questão fundamental na constituição do sujeito é a sua sexuação. Ou seja, em qual posição sexual o sujeito se situará perante o falo, a falta e o desejo.

Segundo as fórmulas da sexuação de Lacan, o sujeito teria duas opções: ou ele se situa do lado do masculino, abordado nesse trabalho como Obsessivo, ou se situa do lado do feminino, visto aqui como Hístico. Uma questão que, embora o presente trabalho enfoque o sujeito masculino, nada tem a ver com o seu sexo, tal qual é visto biomédica e geneticamente, mas sim com uma modalidade de gozo eleita pelo sujeito.

Ao fazer do complexo de castração a encruzilhada do tornar-se homem ou mulher, Freud introduz, ao menos implicitamente, a idéia de uma desnaturação do sexo no ser humano. O ser sexuado do organismo, que aliás não se reduz à anatomia, não basta para criar o ser sexuado do sujeito. (Soler, 2005, p. 26).

Em *O Seminário 20: Mais, Ainda*, Lacan nos propõe as fórmulas da sexuação e nos apresenta o seguinte esquema (Figura 1):

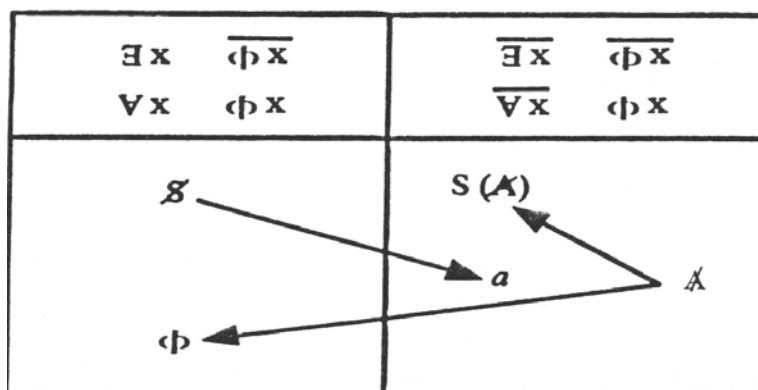


Figura 1, fonte: Lacan (1985).

À esquerda, encontraríamos o lado masculino, o lado do homem na visão psicanalítica, do Obsessivo. Já à direita, estaria o feminino, a mulher tal qual é vista pela psicanálise, mais especificamente nesse trabalho, o Histerico.

Podemos perceber à esquerda as seguintes fórmulas: $\exists x \quad \overline{\Phi x}$; $\forall x \quad \Phi x$. Em $\exists x \quad \overline{\Phi x}$, pode-se ler que existe um sujeito que não se submete à função fálica, ou seja, assim como no mito do Pai da Horda Primitiva, criado por Freud, existe um homem, ao-menos-um, um pai, não conhecedor da castração, que pode gozar de toda e qualquer mulher, e mostra para o sujeito o que é ser homem e viril. Um pai que priva seus filhos de ter acesso a esse gozo, barrando-os, e que cria uma lei, a lei da proibição do incesto.

E em $\forall x \quad \Phi x$, podemos ler que todo o sujeito está submetido à função fálica, ou seja, a castração e que pode usufruir de seu gozo fálico, mas não com toda e qualquer mulher, faz-se a exceção, através da proibição do incesto, de sua mãe e suas irmãs. Indica que o falo simbólico, Φ phi maiúsculo, sinalizador da castração simbólica, encontra-se do seu lado, barrando-o, proibindo-o de cometer o incesto, e garantindo a promessa de sua virilidade. Deste lado, percebe-se também a presença do sujeito barrado, ou dividido, em relação com o objeto a , que se encontra do outro lado do esquema, assim como no fantasma, $\$ \diamond a$, modo esse conforme o homem se relacionará com seus parceiros sexuais. O parceiro sexual do Obsessivo é o objeto a tal qual em seu fantasma.

Já à direita do esquema, visualizamos duas fórmulas completamente diferentes: $\overline{\exists x} \quad \overline{\Phi x}$; $\overline{\forall x} \quad \overline{\Phi x}$. Em $\overline{\exists x} \quad \overline{\Phi x}$, na qual se pode ler que não existe sujeito que não se submeta à função fálica. Não existe do lado feminino um sujeito que represente para o sujeito o que é o feminino. Em $\overline{\forall x} \quad \overline{\Phi x}$, lê-se que nem todo o sujeito está submetido à função fálica, o que significar dizer que algo no sujeito escapa à função fálica, ele possui seu gozo fálico, mas não é só disso que ele goza, ele goza também de um Outro gozo, um gozo do corpo, um gozo não todo significantizável. Um gozo, diferentemente do gozo fálico, um gozo a mais, do qual não se pode falar, um gozo do campo do Real, conforme podemos notar em $S(\mathbb{A}) \rightarrow \mathbb{A} \rightarrow \Phi$.

Assim sendo, veremos como o sujeito macho se coloca perante sua falta como sujeito sexuado. Seja como aquele que não tem o falo, mas se faz de falo, o Histérico. Seja como aquele que não tem o falo, mas que um dia poderá tê-lo, o Obsessivo. Ou aquele que até mesmo desmente a falta no Outro, sempre procurando por um objeto fetiche para tamponá-lo, o Perverso.

O Histérico, a Virilidade e o Olhar do Outro.

Como nos mostra Julien (2002), a histeria já existe desde a Antiguidade, na qual era vista como uma doença feminina, que afetava o útero da mulher. Na ausência de relações sexuais, ele mover-se-ia pelo corpo provocando sufocações, afonia, epilepsia, torpor, entre outros sintomas. Tal situação era observada em uma época em que a mulher era desprovida tanto de um homem no campo sexual, como de qualquer *status* social, estando sempre subjugada e submissa aos homens.

Na Idade Média, a partir de Santo Agostinho, a etiologia da histeria é revolucionada. O sujeito que sofre de histeria, macho ou fêmea, seria, nessa

época, aquele que sofre de possessão, podendo ser ela divina ou demoníaca. Caso fosse constatado o último caso, o sujeito ou era submetido ao exorcismo, ou à fogueira. Caso contrário, era considerado santo.

Contudo, em 1769, com a criação da “neurose”, por Gullen, que a caracteriza como sendo um distúrbio nervoso do cérebro, a histeria passa a ser objeto de estudo da psiquiatria.

Mais de um século se passa, e Freud a partir de seus estudos, principalmente, da histeria, encontra nessa neurose: um trauma sexual; o recalque desse trauma; uma excitação sexual que produz nojo ou repulsa; a conversão desse trauma sexual psíquico em sintoma físico, uma fixação marcada pela pulsão oral e um desejo pelo desejo sempre insatisfeito.

No entanto, *a princípio, pareceria que mais de um século após os trabalhos de Charcot e Freud, ainda não é pacífico reconhecer homens como histéricos.* (Fontoura, 2005, p. 10).

Lacan ao postular o inconsciente estruturado como linguagem, as questões das estruturas como uma defesa frente à falta no Outro, o Nome-do-Pai, o falo, a falta, o desejo, o gozo, o objeto a, o fantasma, o Real, o Imaginário e o Simbólico, entre outros conceitos, discorda da afirmação de Freud, de que a anatomia seria o destino. Pois entende que o que está em jogo na escolha do sujeito, de como responder a essa falta, é o significante, mais especificamente o significante fálico.

Sobre a questão da histeria, Lacan (2002) coloca que o sujeito tanto o macho como a fêmea se põe a mesma questão. A questão sobre o fator comum à posição feminina e à questão masculina tratar-se-ia da questão da procriação.

A procriação mostra seu peso à medida que acena com a questão que para um ser nascer é necessário um outro, e é uma questão que só pode ser levantada após a entrada do sujeito no simbólico, estruturado como homem ou como mulher.

Tal questão teria relação com a morte, uma vez que para que um ser nasça é preciso que outro morra. O que remeteria ao ciclo da vida, e ao ciclo da neurose. Ciclo que é na realidade do significante, já que para que o ser do sujeito nasça é necessário que ele se reconheça em um significante.

No entanto, o sujeito se questionaria. Produziria questões sobre de onde veio, para que veio, etc. Questões as quais os significantes não seriam suficientes para responder, e já que o Outro não tem como responder, o sujeito colocaria as respostas no além da morte.

Afirma que seus sintomas possuem um colorido imaginário, mas que o cerne de sua crise está em uma questão que é dirigida ao Outro, no plano simbólico: Sou ou não sou capaz de procriar?

O ideal histérico é de levar as últimas conseqüências a faculdade de substituição, mas pára no momento de sua realização; ele inesperadamente choca-se com o poder da nominação, da eleição, do arbitrário, noção eminentemente reacionária, já que indiferente à qualidade da pessoa, privilegiando somente sua atitude face à procriação. O real do corpo, de sua anatomia, é, no final das contas, o elemento último que dá margem a crer numa escolha, uma eleição e uma dileção, antepostas pelo pai. (Melman, 1985, p. 143).

O sujeito encontra o seu lugar num aparelho simbólico pré-formado que instaura a lei na sexualidade. Essa lei não permite mais ao sujeito realizar sua sexualidade senão no plano simbólico. (Lacan, 2002, p195).

A questão pertinente ao sujeito, e que aparece no plano simbólico, é “Quem sou eu?”, “Qual o significante fundamental que me define?”. Só desse modo é que pôde haver a descompensação da neurose e a organização de seus sintomas.

Desse modo, a fantasia de gravidez circula como significante *da questão de sua integração à função viril, à função de pai.* (Lacan, 2002, p.197). Tudo na vida do sujeito gira em torno da questão “Sou eu homem ou mulher?”

O que estaria em jogo na histeria masculina seria *uma falha identificatória. O histérico erra em busca de alguém com quem se identificar, e isto independentemente do sexo de seu modelo, ora homem, ora mulher.* (Winter, 2001, p. 18). E continua o autor: *Em suma, o homem que encarna mais de perto o mito da virilidade realizada é aquele ao qual são emprestados os traços de caráter mais femininos.* (Winter, 2001, p. 18).

O homem assim fabricado a partir de uma costela feminina é de bom grado incentivado no seu ódio edípico do pai real; ele, de quem a mãe sabe bem que tem pouco a esperar, é convidado a partilhar o banho das mulheres para que possa

emergir um homem Outro, batizado, que escaparia da castração e encontraria, assim um remédio para a funesta economia fálica. (Melman, 1985, p. 145)

O histérico é aquele cujo drama familiar se dá entre pai e filho, a mãe, está fora desse romance. Exceto pelos momentos de cuidados necessários com o bebê, em que erotiza seu corpo, marcando-o pulsionalmente, a partir de suas demandas, numa modalidade de gozo oral.

O pai que se apresenta nesse drama familiar do histérico, é um pai real que se mostra impotente, vivido como insignificante, apesar ou por causa de sua violência para com a esposa, visto como aquele que renunciou, que cedeu em seu desejo, deixando de passar para o sujeito, no momento de sua constituição, a função fálica, sua virilidade. Constituindo-o como histérico.

É exatamente por isso que o histérico odiará seu pai:

é por ódio a ele e sua figura que o menino pode encontrar recusada sua identificação e vir, por isso mesmo, e sem tê-lo necessariamente previsto, a ocupar o lugar do Outro. Mas, de forma mais deliberada e face à opção da representação fálica, ele pode vir para assegurar o semblante de ser, oscilando, pela mesma ocasião, no não-senso, fazendo de sua imagem a resposta última e sorridente a qualquer questionamento: sou eu, eis-me! (Melman, 1985, p. 143).

Com esse ódio ao pai, que se mostra falho, faltoso, o que para ele é insuportável, o histérico irá procurar outros homens para poder se identificar. Um outro homem, que não o pai, detentor do falo, aquele que poderia seduzir sua mãe: *a questão colocada pelo sujeito que está se tornando histérico será saber por onde está o falo.* (Winter, 2001, p. 154).

Se ele pensa que o falo está alhures, e que está para vir, ele buscará figuras que dele serão detentoras e que a mãe poderia aceitar. É este o verdadeiro esquema do histérico e é a razão pela qual ele vai buscar este falo com aqueles que têm o poder: os homens políticos e seus delegados, os homens da lei. Serão, em consequência, pais imaginários de que poderá se queixar mas aos quais se submeterá. (Winter, 2001, p. 154).

No entanto, embora o histérico odeie seu pai real e tente achar um substituto, com o qual possa se identificar e que possa satisfazer sua mãe, é justamente o desejo desse pai faltoso, que cessou de desejar no momento de

sua constituição, que o histérico irá sustentar. Sendo assim, o *desejo inconsciente do histérico é o desejo do outro, o que significa notadamente que o desejo inconsciente do histérico sustenta o desejo recalcado de seu pai*. (Winter, 2001, p. 192). E por esse ser um pai que cedeu em seu desejo, não conseguindo satisfazê-lo, e muito menos ao desejo da mãe, o desejo do pai, que o histérico irá sustentar é um desejo de insatisfação.

Do mesmo modo, é estranho notar que apesar de seu ódio, o histérico acredita ser o preferido de seu pai. Não só de seu pai, mas como das mulheres. *Ele é charmoso e sedutor devido à necessidade de se fazer reconhecer e, sobretudo, de fazer-se saber receptor do objeto a que ele espelha*. (Melman, 1985, p. 143).

Se o olhar do outro se configura como a principal garantia de valor, estamos no campo da histeria, e no precário equilíbrio que sabemos acompanhar a manobra de captura desse olhar, com todas as sujeições que dela fazem parte. (Marazina, 2005, p. 20).

Ao espelhar o objeto a, como aquele que é circundado pela pulsão escópica, o histérico nada mais faz do que causar o desejo no outro, ele se faz desejar assim como as mulheres, assim como as histéricas. Fará com que apareça uma falta na mulher, para que assim possa mostrar todos os seus dotes. O que realmente lhe interessa é ser reconhecido por uma mulher como a imagem dela mesma, só que mais bem acabada, mais bem sucedida, pois é *de uma mulher que ele espera a delegação da virilidade*. (Melman, 1985, p. 145).

Másculo com os homens e feminino com as mulheres, o histérico é aquele que pode dar a ilusão às mulheres de ser o *ao-menos-um*, que falta ao lado direito das fórmulas da sexuação.

O histérico gosta de se fazer exposto, fazer ser visto, de chamar a atenção. Ele goza por ter que agradar, exige a admiração das pessoas à sua volta e mostra um amor-próprio mórbido. E ali onde ele se pensa mulher, sendo passivo, é homem. Ali onde se pensa homem, hiperativo, hiperviril, é mulher.

O histérico se apresenta, assim, como portador de um falo superlativo, destinado a diferenciá-lo como único, o que, no entanto lhe impõe um preço exorbitante, um excesso que se

apresenta ora como excesso de trabalho, ora como excesso de recursos (poder, dinheiro) – que a sustentação desse falo lhe demanda. (Fontoura, 2005, p.13).

Essa imagem que o sujeito irá constituir, imagem fálica superlativa, sujeita a metamorfoses, muitas vezes contraditórias, estão todas a serviço do gozo paterno. *Para agradar o gozo do Outro e, por reflexão direta, o seu próprio. No extremo, ele pensa dever recriar, repara a imagem desse outro que seu brilho teria podido sustentar.* (Melman, 1985, p. 155).

O sujeito histérico tem a necessidade de ser reconhecido pelo outro,

de tornar-se amável para com ele, implica não somente a fineza psicológica capaz de reconhecer a disposição de seu fantasma, mas ainda a plasticidade capaz de responder para assegurá-lo que o Outro não tem mais nada de assustador, que a impossibilidade do espelho está suspensa e que uma cooptação perfeita entre irmãos gêmeos é, de agora em diante, praticável. Um tal ideal de fraternidade, de mesmidade, poderá se tornar ideal social, pregando a abolição, o fim de toda a alteridade. (Melman, 1985, p. 155-6)

A questão do reconhecimento – que diz respeito à imagem – pode ser articulada, aqui, à posição fálica do sujeito. Por essa expressão entendemos o lugar em que o sujeito se vê e se coloca relativamente a sua representatividade simbólica, a condição de seu exercício subjetivo face a si mesmo e face ao Outro. (Fontoura, 2005, p.12).

O que o sujeito procura com essa facilitação de seu corpo, além de fazer-se falo do Outro para resgatá-lo, retirá-lo de seu lugar decaído, é mascarar que entre a fala e o corpo há um buraco, uma hiância, um real do corpo que não foi sexualizado pelo significante. Ao faltar com o significante da virilidade, o pai faz com que o sujeito seja não-todo castrado, portador de, além de um gozo fálico, de um gozo suplementar, um gozo do corpo. Indizível por não estar recoberto pelo simbólico. Um gozo Outro. É exatamente isso que o sintoma histérico denuncia.

Tudo isso se dá a partir de um encontro na infância do sujeito com um adulto. Adulto que inaugura precocemente no sujeito um gozo sexual, no qual ele se encontra apassivado perante o gozo desse Outro.

Com a impossibilidade do Outro em lhe confiar a função fálica, no momento do seu complexo de Édipo, mais especificamente no momento do

complexo de castração, o sujeito relê essa cena, fazendo com que ele faça “uma escolha forçada” à histeria.

Esse pedaço do corpo do sujeito que não foi sexualizado, não foi simbolizado, que não passou pela linguagem, permanece como um real do corpo que será fonte da condensação, da metáfora, processo no qual o sujeito irá construir o seu sintoma. Sintoma, que no sujeito histérico, é sempre metáfora desse gozo sexual vivido precocemente pelo sujeito, e por ele não simbolizado.

Sendo assim, aliado ao fato do sujeito estar marcado numa modalidade de gozo oral, no qual o Outro do sujeito degrada demanda em necessidade, *ocorre um fenômeno que consiste em uma desarticulação entre as coordenadas simbólicas da alimentação e suas coordenadas reais.* (Winter, 2001, p. 219). O que acarretaria um nojo, ou repulsa, quando o alimento ou um objeto sexual, perde o seu caráter simbólico e aparece como puro real.

Também como consequência, conforme nos mostra Winter (2001), que tudo se passa como se o sujeito histérico sofresse por estar preso a dois fantasmas: um fantasma masculino, ativo, e um fantasma feminino, passivo. Dessa forma, o sujeito não poderia ocupar a posição de objeto *a* na fórmula do fantasma, pois:

no momento em que ele poderia estar nessa posição de objeto no fantasma, ocorre para o histérico uma mudança no próprio interior do inconsciente, que faz com que ele mude de fantasma. No fundo, poderíamos dizer do histérico que ele erra entre dois fantasmas: é um errante entre o fantasma da masculinidade e o fantasma da feminilidade. O que faz com que, clinicamente, ele nunca seja tão masculino quanto quando se pensa feminino, e nunca tão feminino quanto quando se pensa absolutamente viril. (Winter, 2001, p. 187-8).

Dessa forma que o pequeno *infans* macho, marcado em uma modalidade de gozo oral, diante de responder a um falo destituído de seu caráter viril, não-todo inscrito na função fálica, com seu desejo sempre insatisfeito, torna-se histérico e realiza o enigma que permeará o seu fantasma: “Sou homem ou sou mulher?”, “Posso procriar?”, “Posso gerar?”.

O Obsessivo, A Morte e o Pai.

Lacan inicia seu estudo sobre a neurose obsessiva a partir de seu texto “O Mito Individual do Neurótico” (1953). Nesse texto podemos perceber que o destino do obsessivo já está traçado, a partir do lugar que ocupa em sua família, mais especificamente no desejo de seu pai, e na história que precede o nascimento biológico do sujeito, e seu nascimento no mundo da linguagem.

O obsessivo é aquele, que no desejo paterno, entra no mundo não como um filho, mas sim como uma despesa, um gasto. Em sua configuração familiar, o pai ocupa um lugar degradado. Embora seja um homem em pleno exercício e com mostras de sua virilidade, é um homem que no discurso da mãe aparece sempre desvalorizado.

É um homem também que tem seu desejo dividido por duas mulheres, e no momento de decidir por aquela que ele deseja, ou por aquela que garantirá sua sobrevivência e seu *status*, escolhe a última. Nesse momento ele renuncia a seu desejo, deixa de realizá-lo.

A mãe, por sua vez, é aquela que comanda a família, aquela a quem o pai se submete. O obsessivo tem um lugar privilegiado no desejo da mãe. Ele realmente ocupa o lugar de ser o falo materno, até o advento do Nome-do-Pai. Momento no qual o sujeito perde esse lugar privilegiado, e começa a se perguntar sobre seu lugar e sobre sua existência. É, então, que ele esperará receber o falo de seu pai, esperando recebê-lo mais tarde, quando o pai morrer.

Este pai, como pai real, aquele faz obstáculo à relação mãe-filho, está ali, presente, contudo, de forma degradada. É aquele que dará suporte para o obsessivo construir o seu pai imaginário, um pai como aquele descrito por Freud em *Totem e Tabu*, um pai gozador de todas as mulheres, um pai viril, dotado de gozo, o *ao-menos-um*. No entanto, a problemática do obsessivo se inicia, quando este confunde este pai imaginário, com o pai simbólico, pai morto dotado da Lei da proibição do incesto e responsável pela inscrição do significante. O obsessivo une seu pai imaginário ao seu pai simbólico,

justamente por conta dessa degradação do pai real, fazendo com que o gozo fique inteiramente destinado a esse pai morto.

Ora, o defeito da função paterna, aqui, é que o pai real não é um bom suporte para essa promoção. Se ele conseguiu operacionalizar a castração, por outro lado o lugar simbólico que ocupa na família é um lugar degradado – e ele, além disso, falhou em relação ao seu próprio desejo. Esse obstáculo é uma das causas (...) que fazem com que esse pai nunca termine de morrer, e permaneça bem vivo no imaginário do sujeito. (Gazzola, 2005, p.64)

Com essa degradação do pai simbólico em pai imaginário, esse pai ganha uma tremenda potência, se torna aquele *ao-menos-um* que tem acesso a todas as mulheres, deixa de ser um homem castrado.

É o que Melman (2004) denomina por forclusão da castração, na qual há a operação da metáfora paterna, do Nome-do-Pai, o sujeito se constitui como neurótico, no entanto, todo o seu gozo sexual, tanto do pai quanto do sujeito, fica morto, como o pai simbólico.

O pai, desse modo, deixa de ser o pai que lhe transmite o sexual, que lhe transmite o falo, para ser o pai que transmite o amor. O pai deixa de passar o falo para o filho, deixa de passar a virilidade para o sujeito, fazendo com que se constitua uma dívida dele com o sujeito.

A estratégia obsessiva consistirá assim em eliminar esse obstáculo, fazendo sua dívida do pai, tentando pagá-la em seu lugar, expiar sua falta. O pai, desembaraçado de seu pecado, poderia então ter acesso ao lugar do pai simbólico. Seria talvez a solução. O senão, por um lado, é o fato de que essa dívida não pode, por razões estruturais, ser paga – é aí que vemos os sintomas do sujeito se multiplicarem nesse fracasso -, e, de outro, a partir do momento em que ele esposa, por assim dizer, a causa do Outro na tentativa de pagar sua dívida, é seu próprio desejo que fica alienado, em outras palavras, impossível. (Gazzola, 2005, p. 64).

Como o gozo fica exclusivamente ligado a esse pai morto, para que o sujeito possa gozar, resta somente uma opção, o pai deve morrer. Toda vez que ele deseja, seu pai, mesmo que efetivamente já tenha falecido, deve morrer. Essa idéia é intolerável ao sujeito. Desse modo, ele mata, junto com seu pai, o seu desejo, tornando-o impossível.

Na realidade, o sujeito ficará na posição de escravo que obedece a um mestre/senhor. E para Lacan, a *posição fundamental do eu frente à sua imagem é efetivamente esta inversibilidade imediata da posição de amo e do criado*. (Lacan, 1985, p.332-333).

Esse eu é o tipo do homem que imagina que o objeto de seu desejo, a paz de seu gozo, depende de seus méritos. É o homem do supereu, aquele que quer eternamente elevar-se à dignidade dos ideais do pai, do amo, do senhor, e que fica imaginando que alcançará, desse jeito, o objeto de seu desejo. (Lacan, 1985, p.333).

O obsessivo, na tentativa de suprir a falta do Outro, e na esperança de receber o falo de seu pai, irá se identificar a esse pai, esse pai degradado e morto, uma vez que a virilidade está destinada a esse pai todo poderoso. Colocará no lugar de ideal este pai viril e todo poderoso, permanecendo resignado a ele. Como diria Melman (2004), ele aceitaria certa feminilização perante a esse pai ideal, justamente para garantir a virilidade dele.

Nessa grande confusão que o obsessivo faz entre o pai imaginário e o pai simbólico, por conta de uma degradação do pai real, ele também vai confundir o falo simbólico, Φ , com o falo imaginário, ϕ . Na realidade, há uma degradação do falo simbólico em falo imaginário, assim como há uma degradação do Outro em outro, em seu semelhante.

Essa degradação, grande confusão obsessiva, faz com que ele mantenha seu desejo impossível, e que o desejo fique apenas no campo do Outro, sendo lido pelo sujeito como demanda.

Poderíamos dizer que o obsessivo está sempre pedindo alguma permissão. Vocês constatarem isso na concretude do que lhes diz o obsessivo em seus sintomas – isto está inscrito, e muito freqüentemente articulado. A confiarmos nesse esquema, isso acontece nesse nível, ($\$ \diamond D$). Pedir permissão é, justamente, ter como sujeito uma certa relação com própria demanda. Pedir permissão, na medida mesma em que a dialética com o Outro – o Outro como falante – é posta em causa, posta em questão, ou até posta em perigo, é dedicar-se, afinal de contas, a restaurar esse Outro, é colocar-se na mais extrema dependência dele. Isso já nos indica a que ponto esse lugar é de manutenção essencial para o obsessivo. (Lacan, 1999, p. 425).

O sujeito também se encontra preso à demanda, especialmente à demanda do Outro, por conta do momento de sua constituição como sujeito

obsessivo. Freud e Lacan, ambos, consideram a neurose obsessiva como um dialeto da histeria, que seria a língua fundamental do sujeito em análise. Isso se dá, por que assim como o sujeito histérico, o obsessivo vive em sua infância um trauma sexual.

O pequeno obsessivo tem um encontro com o adulto no qual esse adulto gozador lhe apresenta o sexual. O sujeito vive essa experiência também na posição passiva. Contudo, diferentemente do sujeito histérico, esse trauma permanece consciente. O que é recalcado no sujeito é um segundo momento, no qual também há um encontro com o sexual. Entretanto, o sujeito aí se encontra ativo, e por isso, recebe uma punição.

Tudo isso, toda essa confusão, acontece justamente quando o que está em jogo é o caráter anal do sujeito. O momento em que a mãe pede ao seu filho as suas fezes, os seus excrementos. Pede-os ao seu filho como uma espécie de dom, dom de amor. A criança, então, pode entregar as fezes afirmando o seu amor pelo Outro, ou recusar-lhe não somente as fezes como também o amor.

o que introduz o registro anal é, precisamente, que seja o Outro quem demanda. (...) A manobra obsessiva, então, é reduzir o enigmático desejo do Outro ao que o Outro lhe pede, evitando assim se perguntar sobre o que ele, o sujeito, deseja. Para isso está sempre pedindo explicações, ou que lhe ordenem ou pedindo que lhe peçam, sem equivocidade. (Mees,1999, p.38-9).

O que não deixa de ter suas conseqüências na estrutura do sujeito. Ao perceber a falta do Outro, o obsessivo fará de tudo para tampá-la, justamente para que não possa se haver com a sua própria falta, e, conseqüentemente, com o seu desejo. Pois, ao se deparar com seu próprio desejo e ir em busca de realizá-lo, o obsessivo pode vir a sofrer uma punição, o que para ele é a morte.

O obsessivo, digamos, tal como a histérica, necessita de um desejo insatisfeito, isto é, de um desejo para além de uma demanda. O obsessivo resolve a questão do esvaecimento de seu desejo fazendo dele um desejo proibido. Faz com que ele seja sustentado pelo Outro, precisamente pela proibição do Outro. (Lacan, 1999, p.427)

É, então, que o obsessivo irá se dedicar com uma oblatividade. Tudo será para o Outro. Tudo que ele fará será na tentativa de suprir a falta no Outro para que não tenha que se haver com a sua própria falta.

Poupar o outro é exatamente o que está no fundo de toda uma série de cerimoniais, de precauções, de desvios, em suma, de todas as manobras do obsessivo. Se é para vir a generalizar o que se manifestava em seus sintomas – não sem razão, sem dúvida, e de maneira muito mais complicada -, se é para fazer disso uma extrapolação moralizante e lhe propor como fim e solução de seus problemas a chamada saída oblativa, isto é, a submissão às demandas do Outro, pois bem, realmente não vale a pena fazer esse desvio. (Lacan, 1999, p. 429).

O sujeito também realizará proezas para o Outro. Essas proezas têm a sua função. Elas exigiriam a presença do Outro para testemunhá-las, e depois lhe coroar por seus feitos, elas exigem o Olhar desse Outro na direção do sujeito. Ou seja, tudo não passa de uma tentativa do obsessivo de receber reconhecimento do Outro, reconhecimento de sua existência.

Outra consequência do modo como é estruturado a demanda e o desejo no sujeito obsessivo é a maneira que seu fantasma é formulado.

$$\Phi \diamond \varphi(a, a', a'', a''', \dots)$$

Fonte: Lacan, 1992.

O obsessivo, ao degradar o falo simbólico, Φ , em falo imaginário, φ , acaba por erotizar todos os objetos que estão à sua volta.

A formulação do segundo termo da fantasia do obsessivo faz, precisamente, alusão ao fato de que os objetos são para ele, enquanto objetos de desejo, colocados em função de certas equivalências eróticas – aquilo que temos o hábito de assinalar, ao falar da erotização de seu mundo, e em especial de seu mundo intelectual. Esta colocação em função pode ser notada por φ . (...) o φ é justamente aquilo que é subjacente à equivalência instaurada entre os objetos no plano erótico. O φ é, de alguma maneira, a unidade de medida, onde o sujeito acomoda a função a , ou seja, a função dos objetos de seu desejo. (Lacan, 1992, p. 250).

Assim, o sujeito se apaga. Há a afanise do sujeito. Ou seja, o sujeito, que estaria no primeiro termo do matema do fantasma, não fala (Melman, 2004). É como que se o sujeito não falasse, como que cada palavra proferida fosse uma leitura, não viesse do sujeito, mas sim de outro. Isso por que o

sujeito não está ali, ele desapareceu. Assim a enunciação não pode advir. Temos somente o enunciado proferido pelo objeto *a*, do qual o sujeito não se desgruda. É o objeto *a* que diz sempre o contrário do seu pensamento consciente, o que há de mais sujo.

Todas essas estratégias utilizadas pelo obsessivo são uma tentativa que ele arranja para enganar a morte. Ao invés de se identificar com o pai viril, que não deixa de ser uma opção, o obsessivo irá se identificar justamente com o pai morto. Desse modo, ele não precisa agir, faz de morto, para que a morte não venha até ele.

Fazendo-se de morto e matando o desejo, o sujeito fica preso à dúvida. Entre as opções ele não pode escolher. A dúvida está aí para que ele possa manter seu desejo morto, já que se ele escolhe, o desejo está vivo, ele está vivo e o pai tem que morrer. Fazendo com que esse desejo fique cada vez mais impossível de se realizar.

Além de impossível, seu desejo é procrastinado. Ele deixa sempre para amanhã, sempre para depois, sempre para o futuro. Justamente para que não precise agir, fazendo-se de morto para enganar a morte.

Na verdade, o que ele não realiza, é que ele se encontra justamente sobre duas mortes. A primeira, na qual ele estrutura seu desejo como impossível, identificando-se com o pai morto, e conseqüentemente, fazendo-se de morto.

Deixando o tempo passar, não tendo nada do passado, além de reclamações daquilo que deixou de fazer, não tendo nada no presente, pois para enganar a morte ele deve se fazer de morto-vivo. E não tem futuro, já que sempre deixa tudo para amanhã, o amanhã acaba nunca chegando.

E a segunda morte, que seria o momento do juízo final, mas, principalmente, o momento em que:

cada S1 que serviu de suporte às identificações do sujeito seria isolado, pesado e numa certa medida apagado, sua destituição correspondendo à perda de sua significação fixa para o sujeito. Cada S1 seria trazido a zero, um zero que representa justamente este ponto onde o sujeito pode tocar um pedaço de real, tendo acesso a uma parte do coração de seu ser. A partir dessa posição zero, os significantes assim liberados poderiam se tornar mais uma vez deslizantes na cadeia metonímica do

desejo: o movimento do tempo poderia recomeçar. (Gazzola, 2005, p.155).

É, portanto, assim, que o pequeno macho se torna um obsessivo, marcado em sua modalidade de gozo anal, respondendo um falo degradado de um pai morto, fazendo o enigma de sua existência: “Estou vivo? Para que?”, “Estou vivo ou estou morto?”.

O Perverso, a Mãe, A Angústia e o Fetiche.

Diferentemente do que ocorre na neurose, como pudemos ver no caso do Histérico e Obsessivo, na qual o sujeito aceita a castração do Outro, mas recalca, na perversão, o perverso a desmente, negando-a e afirmando-a.

O desmentido, ou renegação, ou como afirmou Freud em “Fetichismo” (1927), a *Verleugnung*, é o processo no qual o *infans*, diante do horror da castração do Outro, dá-se conta da castração, aceita-a e também a nega.

Para tanto ele construirá um monumento que substituirá o falo, supostamente faltante ao Outro. *Duas concepções contraditórias serão de fato justapostas. Por um lado, sobrevive a crença na ausência do pênis feminino, isto é, a evidência da percepção inicial. Por outro lado, a existência do pênis na mulher é renegada.* (Kaufmann, 1996, p.207).

Esse monumento recebeu o nome de Fetiche, o principal índice da Perversão. *O fetiche fica como um troféu que comemora o triunfo sobre a castração.* (Borges et al., p. 110, 2004). Faz com que esse Outro, castrado, permaneça completo, sem falhas, sem falta, sem buraco. É um Outro Absoluto.

Para a formação do fetiche dois tempos são necessários. O primeiro tempo é do imaginário, da cena na qual a criança se dará conta de algo que falta ao Outro. Já no segundo tempo, por um processo metonímico, o menino utilizará os significantes da sua cadeia associativa para marcar, nesta cena, um significante que desminta a falta no Outro, criando, assim, o seu fetiche.

Falei-lhes da última vez a propósito da estrutura perversa na metonímia, e também na alusão e na relação entre as linhas, que são formas elevadas da metonímia. Da maneira mais clara, Freud não nos diz outra coisa, a não ser pelo emprego do termo *metonímia*. O que constitui o fetiche, o elemento simbólico que fixa o fetiche e o projeta sobre o véu, é retirado especialmente da dimensão histórica. Este é o momento da história onde a imagem se fixa. (Lacan, 1995, p. 159).

(...) o fetiche é de certa maneira imagem, e imagem projetada, é que esta imagem não passa do ponto-limite entre a história, na medida em que esta continua, e o momento a partir do qual ela se interrompe. Ela é o signo, a referência do ponto do recalque. (Lacan, 1995, p. 160).

Dessa forma, só podemos entender o perverso como alguém que passou pelas aventuras do Complexo de Édipo, dotado do Nome-do-Pai. Assim, a perversão é uma das versões do pai, tanto quanto a neurose e a psicose. (Chaves, 2004, p. 91).

A criança a se tornar perversa é aquela que não é fruto da metáfora do desejo de seus pais, mas sim é a metonímia do falo desejado pela mãe.

A criança não é metonímia como portadora do falo, mas como totalidade. É ela inteira quem entra como objeto substituto, a ser devorado, e aí surge a angústia diante do desejo do Outro, diante de um desejo que pode faltar, pois, se ele completa o Outro, a falta desaparece. A angústia não é medo do objeto, mas medo que o objeto falte. (Miranda, 2002, p. 53).

O menino entra no complexo de Édipo e até o segundo tempo tudo vai bem, com um porém, o pai costuma estar ausente. (...), com muita frequência, a ausência às vezes repetida do pai na história do sujeito, a carência, como se diz, do pai como presença: ele sai em viagem, vai à guerra, etc. (Lacan, 1995, p. 163).

A mãe, com seu desejo sempre insatisfeito e insaciável (Lacan, 1995), buscando por um falo, toma seu filho como tal, o que gera angústia na criança.

Essa mãe é geralmente uma mulher muito séria, que ama muito seu filho, submetida à Lei, castrada. Logo, o pequeno *infans* nota que algo falta a sua mãe, o falo. Contudo, no terceiro tempo do Édipo, no qual o pai deveria comparecer, quem se apresenta em seu lugar é uma Outra mulher. É uma mulher quem vai ensinar o pequeno menino o que é o desejo, o que é o sexual. Deixando-o desprovido de um Ideal de eu para se identificar. Resta-lhe apenas o outro imaginário (a) para se identificar.

O Ideal do eu é marcado, primeiramente, pelo signo do significante. A questão é saber, em segundo lugar, de onde ele pode partir. Ele pode constituir-se por uma progressão a partir do eu, ou, ao contrário, sem que o eu possa fazer outra coisa senão suportar o que se produz à revelia do sujeito, pela simples sucessão de acidentes entregues às aventuras do significante, e que lhe permite subsistir na posição significante de criança mais ou menos desejada.

O esquema que nos mostra, assim, que é no mesmo lugar – conforme isso se produza pela via consciente ou pela via inconsciente – que se produz o que chamamos, num caso, Ideal do eu, e no outro, perversão. (Lacan, 1999, p. 271).

Podemos notar no terceiro tempo que há um desdobramento da mulher. A mulher aparece aí tanto como a mãe do Amor, quanto como a mãe do gozo, que não é recalcada no perverso. A mãe do gozo se configura como A mulher para o perverso, aquela que é completa, o Outro Absoluto, pois além de ser o instrumento de seu gozo, ele a complementa com o fetiche.

Na perversão o sujeito busca manejar, dominar o pulsional se colocando como objeto do Outro. Em seu agir, o perverso é comandado pelo imperativo categórico do gozo: vive para o gozo, na tentativa de apoderar-se dele, organizá-lo, administrá-lo e prorrogá-lo. (Mello et al, 2004, p. 51).

A criança não se identifica nem com a mãe do desejo, nem com a mãe do amor, mas com a mãe do gozo. Esse gozo do Outro do qual a criança foi objeto, se perpetua. Narcisicamente, e a serviço de seu senhor, a criança se identifica com a imagem dessa criança que ela foi, com a imagem desse objeto, com o objeto a. (Julien, 2002).

Sendo assim, é com o objeto a que o perverso se identifica ao sair do Édipo, o único lugar possível a se colocar perante o Outro é como o ϕ (falo

imaginário da mãe), permanecendo como escravo do gozo do Outro e assim, também, resolvendo sua angústia, pois agora ele tem um lugar, uma posição.

O perverso é aquele que identificado ao objeto a do Outro, tendo controle e o saber sobre o gozo, permanece indivisível. Socialmente o perverso é uma pessoa normal, guarda toda a sua perversão, o que foi construído socialmente de forma errônea como maldade, para sua vida privada. Na qual utiliza todo o seu saber sobre o gozo para levar seu parceiro até as últimas conseqüências, até o último limite, até que esse último atinja a angústia.

O perverso indivisível provoca a divisão no seu parceiro, no Outro, para que assim possa gozar. Foi nesse sentido que Freud afirmou que a perversão era o negativo da neurose. Pois é em sua fantasia, em seu fantasma, que o perverso inverterá as posições.

Enquanto o neurótico, na posição de sujeito dividido por sua falta, busca saber sobre o seu desejo e o desejo do Outro, $\$ \diamond a$, o perverso na posição de a acredita saber o que o Outro deseja, levando-o até o limite de seu desejo, divide-o, $a \diamond \$$, o que faz com que o sujeito se angustie e o perverso goze. Ou seja, na perversão o fantasma se encontra como o negativo do fantasma neurótico. Assim se configura o fantasma perverso: $a \diamond \$$.

Na perversão, houve a mesma entrada da fantasia, mas, por motivos históricos absolutamente singulares, a entrada do sujeito perverso no mundo do simbólico se deu através da fixação no outro pólo da fantasia, no pólo pulsional, no pólo do gozo. O perverso tem uma *fantasia de completude de gozo*. Ele almeja resgatar a completude perdida pelo viés do gozo. (Jorge, 2006, p. 33).

(...) o perverso é aquele que se consagra a tapar o buraco no Outro. (...), ele está do lado do fato de que o Outro existe. É um defensor da fé. (Lacan, 2008, p.245).

É exatamente por essa razão que o desejo no perverso se apresenta como vontade de gozo. Pois o perverso não se indaga sobre o seu desejo, não se pergunta sobre o desejo do Outro, ele sabe com o que o Outro goza, ele sabe como completar o Outro, angustiar seu parceiro e sabe como gozar.

Mesmo na perversão, na qual o desejo se dá como aquilo que serve de lei, ou seja, como uma subversão da lei, ele é, efetivamente, suporte de uma lei. Se há uma coisa que hoje

sabemos do perverso, é que aquilo que aparece externamente como uma satisfação irrefreada é uma defesa, bem como o exercício de uma lei, na medida em que esta refreia, suspende, detém o sujeito no caminho do gozo. A vontade de gozo no perverso, como em qualquer outro, é uma vontade que fracassa, de depara com seu próprio limite, seu próprio freio, no exercício mesmo do desejo. (...), o perverso não sabe a serviço de que gozo exerce sua atividade. Não é, em todo caso, a serviço do seu. (Lacan, 2005, p. 167).

Cabe ressaltar que o perverso precisa de um cúmplice,

(...) é preciso que alguma coisa, na intenção de sua cúmplice, lhe permita ao menos acreditar que ela está participando de um gozo culpado. (...). Vemos assim o sujeito, certamente perverso, comprazer-se em buscar sua satisfação nessa imagem, mas na medida em que ela é o reflexo de uma função essencialmente significativa. (Lacan, 1999, p.275)

Na posição daquele que está a serviço do gozo do Outro, aquele que tem acesso ao Outro Absoluto, a A mulher, o perverso faz o Outro gozar e goza do objeto *a*, em seu viés de pulsão invocante e da pulsão escópica, mais especificamente, a voz e o olhar. No campo da pulsão invocante, encontramos o masoquismo e o sadismo. Já quando o olhar está em jogo, o que está em pauta é o exibicionismo e *voyeurismo*.

No masoquismo, o que observamos é que o perverso, embora pareça ser totalmente passivo, mostra, muito pelo contrario, toda sua atividade. É ele quem organiza a cena, e nela está posta o chicote com toda sua potencia fálica (Julien, 2002). Podemos pensar, inicialmente, que ele busque o gozo do Outro, mas na verdade, sua procura e o que ele acha é a angustia do Outro.

Que o masoquista faça da voz do Outro, por si só, aquilo a que dará a garantia de responder como um cão, isso é o essencial. E é esclarecido pelo fato de que ele busca justamente um tipo de Outro que possa ser questionado nesse aspecto da voz (...). Essa voz, que talvez ele tenha ouvido em excesso alhures, do lado do pai, vem, mais uma vez, completar e tapar o buraco. (Lacan, 2008, p. 249).

No sadismo, o mesmo chicote, presentifica a imagem fálica. (Julien, 2002). Por ter como condição quase que *a priori* e *sine qua non*, a angústia do Outro, o que o perverso procura é se deparar com o gozo do Outro, o objeto *a*.

O sádico procura roubar a fala do Outro e fazer valer a sua voz. O que geralmente fracassa, mas com certeza ele encontra um Outro que faz o que ele pede, mesmo sem querer. Ou seja, que goza. (Lacan, 2008).

O exibicionista é aquele que zela pelo gozo do Outro. *Ele dá-a-ver para ver o Outro surpreendido pelo desvelamento.* (Julien, 2002, p. 117). Ele faz com que o Outro seja completamente tomado pelo gozo, para que daí possa surgir o olhar. É do olhar no campo do Outro que se trata.

Enquanto que no *voyeurismo* o que está em jogo é questionar o Outro sobre o que exatamente não se pode ver. Ele faz seu olhar surgir na janela, no buraco da fechadura, na telescopia, na fenda, *fissura do véu que separa o escondido do mostrado, o privado do público do espaço do Outro.* (Julien, 2002, p. 113). Introduce o seu olhar no campo do Outro para que esse se dê conta de sua falta fálica. Porém, sempre fracassa.

Não podemos esquecer, que Lacan define

como perversão é a restauração como que primordial, a restituição do *a* ao campo do A. A coisa é possibilitada pelo fato do *a* ser um efeito da captação de alguma coisa primitiva, primordial. (...).

A perversão é a estrutura do sujeito para quem a referência da castração, isto é, o fato da mulher se distinguir por não ter o falo, é tamponada, mascarada, preenchida pela operação misteriosa do objeto *a*. Trata-se de uma maneira de evitar a hiância radical, na ordem do significante, representada pela castração. A base e o princípio da estrutura perversa estão em evitar isso, provendo esse outro, como assexuado, de alguma coisa que substituí a falta fálica. (Lacan, 2008, p. 283).

Cabe marcar que, para atingir seus objetivos o perverso está disposto a tudo. A perversão é uma estrutura que tangencia a morte, tanto a morte do perverso quanto a do outro, pois para alcançar a angústia e o gozo do Outro, e para fazer surgir a voz e o olhar, o perverso está disposto a matar e a morrer. Pois a morte, e não A mulher, é o gozo Absoluto.

As Homossexualidades, o Amor e o Pai.

Já delimitadas as diferentes respostas do homem ao falo na histeria, na neurose obsessiva e na perversão, resta-nos, agora, explicar como a homossexualidade se configura nessas diferentes estruturas.

Em Psicanálise, além de haver certa independência entre o sexo biológico do sujeito e a estrutura a ser escolhida, há também independência entre a escolha de objeto e de estrutura.

Essas escolhas serão determinadas na infância, quando o pequeno *infans* se aventura pelos três tempos do complexo de Édipo, e de como esse pequeno menino responde ao Pai, que aí se apresenta para instituir a castração simbólica, ou seja, a diferença entre os sexos.

A angústia de castração gera uma dinâmica que esbarra, em cada uma de suas etapas, numa modalização particular da homossexualidade. Este não é apanágio de uma forma clínica específica. As sucessivas representações dessa angústia permitem distinguir diversas apresentações da homossexualidade: psicótica, perversa ou neurótica. (Pommier, 1992, p. 94).

Em um momento muito específico do Complexo de Édipo, é necessário que o sujeito ame seu pai, para que, desse modo, um Ideal de Eu seja criado, e o sujeito possa identificar-se a esse Pai, buscando tal Ideal.

É na medida em que o pai é amado que o sujeito se identifica com ele, e que encontra a solução terminal do Édipo numa composição do recalque amnésico com a aquisição, nele mesmo, do termo ideal graças ao qual ele se transforma no pai. (Lacan, 1999, p. 176).

Entretanto, também é necessário que esse menino odeie seu Pai, o tenha como um rival, o qual possa ser eliminado, sendo seu lugar, junto à mãe, tomado pelo sujeito. É o que o pequeno menino deseja que aconteça.

... o pai aparece aqui na posição de incômodo. Não simplesmente porque seria um estorvo em decorrência de seu volume, mas porque ele proíbe. (Lacan, 1999, p. 177).

Quando é a neurose que está em jogo, tratando-se da heterossexualidade, poderíamos dizer que, embora o pequeno menino também ame seu pai e esse amor seja fundamental, é o ódio e a rivalidade com o Pai que se sobressai.

Já no que diz respeito à homossexualidade na estrutura neurótica, evidencia-se esse amor ao Pai, tão necessário à assunção do sujeito. *O homossexual, seja qual for o sexo, é, assim, um digno representante do pai.* (Pommier, 2005, p. 50).

Esse amor ao pai do Complexo de Édipo exige a feminilização do sujeito. Nesse momento o sujeito se coloca na posição da mulher do pai, esperando dele que lhe entregue o falo. Esse momento nos heterossexuais é recalcado, o que deixa patente o ódio e a rivalidade, pois o sujeito nota que seu pai deseja sua mãe, e esse desejo é recíproco. Quando esse amor deixa de

ser recalcado, havendo apenas a negação da castração, há a escolha da homossexualidade. (Pommier, 2005).

Para que a homossexualidade se configure como passiva ou ativa dependerá do que é percebido pelo sujeito na relação familiar. Caso a mãe deseje o pai, mas o contrário não seja verdade, temos a formação de uma “homossexualidade passiva”.

O homem encarna então uma figura viril esmagadora, mas distante. A criança, aterrorizada por esse pai poderoso demais (que não está castrado por seu desejo pela mãe) vai, pois, colocar-se numa posição de sedução passiva em relação a ele. A sedução repetida poupa da angústia de castração dessa posição feminilizada, que como está destinada a preservar a virilidade, será sexualmente excitante. (Pommier, 2005, p. 47).

Caso o pai deseje a mãe, mas o contrário não seja verdadeiro, pois a mãe daria preferência à criança, deixando seu marido de lado, temos a formação de uma “homossexualidade ativa”. Nesse caso, o pai como simbólico está presente, mas no que lhe compete de sexual, apresenta-se nulo. O menino, então, ficará preso ao investimento materno. Mãe à qual esse menino irá se identificar, buscando rapazes, no decorrer de sua vida, os quais possa amar ativamente, do mesmo modo que foi amado por sua mãe.

Se é tão excitante amar um menino, é porque esse outro de si entregue ao Outro refere-se a uma potencia paterna talvez violenta, mas salvadora. O amor intenso da mãe só mais despertou uma identificação com um pai não simbolicamente, mas sexualmente ausente, mecanismo sem o qual não se compreenderia a excitação sexual sentida por homens. (Pommier, 2005, p. 48).

Na perversão, é também esse amor ao Pai que está em jogo, mais especificamente, ao Pai totêmico (Pommier, 1992). O amor ao Pai somado à atração forte pelo falo, que recobre a castração do Outro, pode se configurar em uma homossexualidade que solucionaria a angústia de castração.

A atenção do sujeito fica voltada para as insígnias da potencia viril, especialmente o pênis ereto. O sujeito se apaixona pela virilidade em si.

Identificado com o menino que foi e que amava seu pai, o perverso buscará o amor de seu pai de forma passiva. Identificado ao pai, o perverso procurará o amor de seu pai de forma ativa.

Essas são operações que ocorrem na infância do sujeito, no momento da sua aventura pelo Complexo de Édipo. Após serem feitas suas escolhas, tanto de estrutura quanto de objeto, haverá um período de latência. Período em que toda experiência edipiana será recalçada e o sujeito se deparará com as experiências sexuais. Como Pommier (1992) relata, muitas dessas experiências homossexuais do adolescente neurótico, se assemelham a uma “iniciação”, um rito de passagem utilizado na Antiguidade, presente em inúmeros mitos.

Na Antiguidade, nas civilizações gregas, romanas e, até, africanas, era imperativo que o homem jovem passasse algum tempo longe de sua família, com um homem mais velho, que lhe ensinaria sobre o uso das armas, as artes da guerra e, sobretudo, sobre o amor homossexual, no qual o jovem permaneceria na posição passiva. Após o jovem adolescente ter aprendido tudo que era necessário para sua sobrevivência, ele retornava para o seu local de origem, onde deveria passar por uma cerimônia, na qual deveria negar esse amor homossexual, tornando-se um cidadão, um homem, assim, podendo ser guerreiro e escolher a mulher com a qual iria se casar.

Dessa forma, Pommier (2005), acredita que muitas dessas experiências aconteceriam na adolescência como uma forma do jovem menino ter acesso à sua virilidade, confirmando-a, prosseguindo, tal como nos mitos e nos ritos de passagem da Antiguidade, como homem heterossexual.

A homossexualidade masculina, em compensação, se passa ao ato também na entrada da fase de latência, não tem nem um pouco como condição o amor (no lugar da inveja do pênis), mas uma passagem iniciática: para ter acesso à virilidade, trata-se de identificar-se com a impessoalidade paterna, passagem marcada pelos laços homossexuais com outros meninos. (Pommier, 2005, p. 53-4).

Essa escolha, no entanto, só será confirmada no final da adolescência, com uma re-edição do Complexo de Édipo, na qual será confirmada tanto a escolha de estrutura, como a escolha de objeto sexual. Podendo, aí, ser confirmada tanto uma heterossexualidade, quanto uma homossexualidade.

Devemos marcar também, que o que está em jogo nas homossexualidades é a questão do falo enquanto imaginário (- Φ). É na

medida em que o sujeito faz com que sua potencia fálica, sua virilidade, esteja perdida, que ele pode, assim, achá-la em um outro. (Lacan, 2005).

Assim, a infidelidade é a regra para eles. Vão em busca de parceiros cada vez mais viris, pois o que está em jogo nas homossexualidades não é o amor ou a amizade, mas sim a busca por exercer a sexualidade plenamente. (Pommier, 2005).

Conforme pudemos ver, o que se apresenta como denominador comum presente nos textos das homossexualidades masculinas e do homem nas diferentes estruturas é a questão da virilidade.

No entanto, nem todas as estruturas e nem todas as homossexualidades foram abordadas no presente trabalho. As psicoses e seu tipo específico de homossexualidade, o transexualismo, ficaram de fora.

Ficaram de fora deste trabalho, pois as psicoses estão fora do laço social. Por consequência da forclusão do Nome-do-Pai, os psicóticos não fazem uma “escolha”, escolha forçada de como responder ao falo simbólico e à castração do Outro. Desse modo, ficam também fora do sexo. (Quinet, 2006).

Chegamos então ao momento de concluir. De puxar os fios que ficaram soltos nos diferentes textos e amarrá-los em um só. Começaremos pela escolha do título.

“*Coisa de Macho: ser homem, o que é isso?*”, começa com a expressão “coisa de macho”, que é comumente utilizada coloquialmente para designar o que social e culturalmente cabe ao homem, “isso é coisa de macho”, o que cabe a mulher, “isso é coisa de mulherzinha”, e o que cabe aos homossexuais, “isso é coisa de viadinho”.

É claro que essas são questões pertinentes ao âmbito da sociedade, na qual o que importa é a configuração do ser humano conforme sua biologia e sua fisiologia. Na qual, o homem, o possuidor de um pênis, tem um *script*, e deve desempenhá-lo ortodoxamente. Na qual a mulher, aquela que não possui um pênis, tem um *script* diferente, mas também não pode sair dele. E aos homossexuais resta descobrir qual é exatamente o seu *script* e, primordialmente, qual é o seu papel nessa sociedade.

Já para a Psicanálise, esses papéis não são determinados pela biologia. Tais papéis, mais precisamente, tais posições são determinados por uma estruturação familiar e por uma escolha do sujeito diante desta. O sujeito

escolhe. Uma escolha forçada pela estruturação familiar, sim, mas o sujeito escolhe como responder à castração do Outro, negando-a, desmentindo-a ou forcluindo-a, e escolhe onde se posicionar, do lado do Homem, do Obsessivo, ou do lado das Mulheres, do Histérico, conforme pudemos ver ao longo desse estudo.

O título *“Coisa de Macho: ser homem, o que é isso?”* também tem uma segunda parte, a qual pergunta o que é ser homem, e que Jacques Lacan, em uma aula ministrada em 27 de março de 1963, com o título homônimo a qual esse trabalho faz referência, *“Coisa de Macho”*, responde que ser homem é procurar exatamente aquilo que causa seu desejo, a falta do e no Outro. *O que ele procura é o (- φ), aquilo que falta a ela – mas isso é coisa de macho.”* (Lacan, 2005, p.219).

Para Psicanálise ser homem, estar nessa posição é justamente isso, buscar aquilo que falta ao Outro, buscar aquilo que ele, ambos, Sujeito e Outro, desejam. Para isso, primeiro ele terá que se haver com a sua questão mais fundamental, presente em todas as estruturas que se encontram dentro do sexo, neurose e perversão, e nas suas diferentes homossexualidades. A saber, sua questão sobre sua virilidade, sua questão sobre seu falo.

Referências Bibliográficas:

ANDRÉ, Serge – *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BORGES, Juliana Marques Caldeira, **SOARES**, Margarida Maria Gontijo de Brito, **PINHEIRO**, Maria de Lourdes Elias *et al.* *Perversão e infância e adolescência. Reverso*. [online]. dez. 2004, vol.26, no.51 [citado 16 Junho 2009], p.109-113. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952004000100013&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-7395.

CHAVES, Messias Eustáquio. *"Père-version" Perversão, perversões... "Père-version", pères-versions... Versões do pai. Reverso*. [online]. dez. 2004, vol.26, no.51 [citado 16 Junho 2009], p.91-96. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952004000100010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-7395.

FINK, Bruce – *O Sujeito Lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FONTOURA, Lucy Linhares da – *Único no gênero: vicissitudes da histeria masculina. In: a masculinidade. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Ano XIII, nº 28, abril de 2005, p.9-15.*

FREUD, Sigmund - *Fetichismo* (1927), in: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, V. III – Rio de Janeiro: Imago, 2007.

GAZZOLA, Luiz Renato – *Estratégias na neurose obsessiva*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

INFANTE, Domingos Paulo – *O Outro do Bebê: as vicissitudes do tornar-se sujeito. In org. Rohenkohl, Cláudia M. F.– A clínica com o bebê*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *A travessia da fantasia na neurose e na perversão. Estud. psicanal.* [online]. set. 2006, no.29 [citado 16 Junho 2009], p.29-37. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952006000300002&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-7395.

psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0100-3437.

JULIEN, Philippe – *Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

KAUFMANN, Pierre - *Dicionário Enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, Jacques – *O Estádio do espelho como formador da função do eu* (1949) *In Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

- *A significação do falo*. (1958a). *In Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. (1960). *In Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

- *O Seminário, livro 3: as psicoses*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

- *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

- *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1958b). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

- *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

- *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

- *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

- *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1985). 2ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

MARAZINA, Isabel – *O espelho e os homens: considerações sobre os reflexos na masculinidade de hoje*. In: *a masculinidade*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Ano XIII, nº 28, abril de 2005, p. 16-22.

MEES, Lúcia Alves – *A neurose obsessiva*. In: *Neurose obsessiva*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Ano IX, nº 17, 1999, p. 37 – 41.

MELMAN, Charles – *A Neurose Obsessiva*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

– *Novos Estudos sobre a histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MELLO, Carlos Antônio Andrade, **COIMBRA**, Maria Lúcia de Salvo, **LISBOA**, Maria Luiza Arrojado *et al.* *Perversão - pulsão, objeto e gozo. Reverso*. [online]. dez. 2004, vol.26, no.51 [citado 16 Junho 2009], p.51-56. Disponível na World Wide Web:

<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952004000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-7395.

MIRANDA, Elizabeth da Rocha – *Uma fobia: momento de impasse, momento de decisão entre neurose e perversão*. In: *Marraio: fobia e perversão*. Editora Rios Ambiciosos. Formulações Clínicas do Campo Lacaniano, n. 4. Rio de Janeiro, 2002.

POMMIER, Gerard – *A ordem sexual: perversão, desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

– *Existe uma distribuição lógica das homossexualidades?*. In: *A clínica lacaniana: as homossexualidades*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005, n.º 4, p. 37-61.

QUINET, Antonio – *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

RABINOVICH, Diana – *A significação do falo, uma leitura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

SOLER, Colette – *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

WINTER, Jean-Pierre – *Os errantes da carne: estudos sobre a histeria masculina*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.